



O ensino de música para crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: um relato de experiência Comunicação

Ewertton da Silva Araújo
UEPA
ewerttom.tavares28@gmail.com

Cristiane Suene da Luz Santos
UEPA
crissuene24@gmail.com

Lucas Augusto Araújo de Brito
UEPA
lukinhadejah777@gmail.com

Jessika Rodrigues da Silva
UEPA
jessika.rodrigues@uepa.com

Resumo: Esta pesquisa com o tema “O ensino de música para crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: um relato de experiência” objetiva investigar métodos e possibilidades para ensinar música para crianças com TEA, considerando a diversidade com que esse transtorno se apresenta. As bases teórico-metodológicas adotadas foram a revisão da literatura ao TEA e a pesquisa de campo. Após estudos teóricos sobre o tema, foi elaborado um questionário contendo perguntas que foram direcionadas a um professor que ministra aulas de música para crianças com TEA. Quanto aos resultados, pontuam-se o aperfeiçoamento da metodologia usada pelos professores musicistas, para facilitar a prática musical e a inclusão de crianças com necessidades específicas em sala de aula, bem como a urgência de o professor buscar novas ideias, novos conhecimentos concernentes ao referido tema.

Palavras-chave. Ensino de Música, Inclusão, Transtorno do Espectro do Autismo

Aspectos gerais e intenções de pesquisa

Assuntos relacionados à inclusão precisam ser tratados com seriedade e profissionalismo, principalmente na realidade educacional na qual existe uma série de acontecimentos cotidianos coletivos.

A adaptação do ambiente ao estudante é uma realidade de suma importância a se considerar para encontrar maneiras de oferecer o melhor acesso possível à educação, aplicar



métodos eficazes e priorizar a manutenção do ambiente escolar de forma que venha adaptar até mesmo aos estudantes que possuem a necessidade de atendimento especializado no sistema da rede de ensino. Os profissionais da área precisam trabalhar para suprir as necessidades e dificuldades de estudantes que possuem transtornos e doenças mentais.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), de acordo com o DSM-V, caracteriza-se pelo déficit na comunicação social ou interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, como movimentos contínuos, interesses fixos e hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais. É importante ressaltar que, embora com essas características, cada pessoa com TEA apresenta intensidade diferente e, como resultado, há situações bem particulares, pois o espectro é um transtorno complexo, com diferentes graus e níveis de severidade (NEUROSABER, 2020).

Os critérios para o diagnóstico de TEA são: déficits na reciprocidade socioemocional e na comunicação não verbal; dificuldades no contato visual e na linguagem corporal; déficits nas interações sociais; comportamentos estereotipados/repetitivos; aderência inflexível às rotinas; padrões ou comportamentos ritualizados; interesses restritos e fixos; hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais, entre outros (NEUROSABER, 2021).

O diagnóstico é realizado por: avaliação de observações clínicas por profissionais especializados; conversas com os pais, para avaliar comportamentos da criança, como fala, linguagem, atenção, comunicação não verbal, comportamentos, sensibilidades e interação social; utilização de alguns testes para rastrear o autismo; exclusão de outros diagnósticos, como déficits de audição, TDAH e outras condições (NEUROSABER, 2021).

Nota-se na legislação Brasileira diversos direitos assegurados em relação à educação para pessoas com deficiência na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (BRASIL, 1988; BRASIL, 1996). Quanto à pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), há diversas legislações específicas que contemplam esse direito à educação, tais como: Lei Berenice Piana – Lei nº 12.764, de 2012, que institui os direitos dos autistas e suas famílias em diversas esferas sociais. Por meio desta legislação, pessoas no espectro são consideradas pessoas com deficiência para todos os efeitos legais e, portanto, têm os mesmos direitos assegurados (BRASIL, 2012); e a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015).



A partir do cenário exposto, das características do transtorno e dos direitos legais quanto ao acesso à educação, surge o seguinte questionamento: Como ensinar música para crianças com TEA, considerando a diversidade com que o transtorno se apresenta?

Esta pesquisa é fruto de um Trabalho de Conclusão de Disciplina do Curso de Licenciatura Plena em Música da Universidade do Estado do Pará em Bragança, onde os discentes têm uma disciplina sobre a compreensão da Inclusão Educacional relacionada à Educação Musical. Considerando os passos indicados para ser um bom professor de Viviane Louro (2006) e as curiosidades acerca do Transtorno do Espectro do Autismo, emergiu a necessidade de aprofundamento acerca da referida deficiência, sua legislação e de relatos de experiência de como esse atendimento tem ocorrido.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral: Investigar métodos e possibilidades para ensinar música para crianças com TEA, considerando a diversidade com que o transtorno se apresenta.

Para alcance do objetivo proposto, além de uma revisão da literatura para verificar o que já havia sido pesquisado sobre Educação Musical e Transtorno do Espectro do Autismo com base no site de busca *google* acadêmico, realizou-se entrevista semiestruturada com um professor de música que atua atendendo estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo. Considerando os aspectos éticos, foi apresentado e assinado pelos pesquisadores e pesquisado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo os objetivos e interesses da pesquisa.

Aprofundamento do Tema sobre a educação musical para pessoas com TEA

Ao realizar busca na internet sobre pesquisas relacionadas à educação musical para pessoas com TEA, encontraram-se artigos teóricos e empíricos que reforçam a necessidade de continuidade de pesquisas sobre o tema principalmente na apresentação de materiais e recursos eficientes para atendimento de pessoas com TEA.

Pendeza e Dallabrida (2018), ao apresentarem uma pesquisa bibliográfica e entrevista com educadores musicais sobre a relação entre o campo de estudo da Educação Musical e do Transtorno do Espectro Autista (TEA), consideraram que a díade educação musical e TEA necessita de maior atenção por parte da comunidade acadêmica, concernente à pesquisa e à formação musical e pedagógico-musical para os docentes que irão trabalhar



junto às pessoas com TEA, pois os professores se sentem insuficientes no trabalho com esses indivíduos, carecendo de materiais de referência e estratégias pedagógicas adequadas para serem usadas nas aulas de educação musical.

Heckler e Baumer (2021), para identificarem os benefícios de aprendizagem do ensino da música para crianças com TEA, realizaram entrevista com professores que revelaram a importância da música para crianças com autismo, e as possibilidades de levá-la para a sala de aula. Ressaltam a importância da observação atenta do professor para as atitudes dos estudantes e interesses quando nas diversas atividades em música apresentadas pelos estudantes, como canções e sons de instrumentos, pois cada criança com TEA pode reagir de maneira diferente.

Senra, Alvares e Mattos (2017), ao tecerem algumas reflexões sobre a Educação Musical dentro do processo de inclusão de crianças com TEA na escola regular, apontam que a presença de crianças com TEA na escola regular, implica mudanças na estrutura física e pedagógica da instituição, além disso, exige do professor a busca de estratégias que garantam o desenvolvimento do processo de aprendizagem dessas crianças, pois pensar a inclusão é respeitar a diversidade de cada sujeito, sendo que o foco não deve ser as limitações e, sim, a construção do aprendizado. Ressaltam que a ideia não é o abandono das técnicas musicais, mas sim adaptações delas para a realidade do aluno.

Nota-se que as pesquisas selecionadas apontam, para o aprofundamento da temática, a necessidade de atenção do Professor de música às características e aos interesses apresentados pelos estudantes para a escolha de seus métodos, técnicas e materiais que devem ser adaptados de acordo com as necessidades dos estudantes (PENDEZA e DALLABRIDA, 2018; HECKLER e BAUMER, 2021; SENRA, ALVARES e MATTOS, 2017).

A educação musical para pessoas com TEA: Relato de Experiência

Para a realização desta pesquisa, foi entrevistado um professor de Música que ministra aulas para crianças com TEA. São aulas particulares que acontecem em uma sala especializada para ensino de música.

Diante da diversidade do comportamento das crianças com TEA e as metodologias adotadas, o professor relata sobre sua primeira experiência no atendimento a pessoas com TEA:



A primeira criança que trabalhei aqui não conseguia se concentrar quase nada, foi esse que mãe dele deixou aqui e disse que ele tinha prova na escola e queria que eu reforçasse lateralidade, direita e esquerda, eu falei beleza vou trabalhar sim, cheguei aqui a criança não falava nada, estranhei. Aí eu comecei a tentar desenvolver alguma atividade com ele e era bem difícil ele se concentrar. O legal de ser criança é que a gente tem muita coisa colorida aqui na escola, foi que eu consegui realizar quase todas as atividades com ele no primeiro dia. [Sic] (PROFESSOR ENTREVISTADO 14/05/2022).

Seu primeiro contato com pessoas com TEA reforça sobre a necessidade apontada por Senra, Alvares e Mattos (2017) que ressaltam que a inclusão necessita de uma ação em conjunto com diálogo entre pais, professores e terapeutas para melhor atendimento do aluno. Para o professor, causou um certo estranhamento inicial, mas logo começou a busca por metodologias para atendimento de pessoas com necessidades específicas na internet e desenvolver em sua prática:

Essa formação com alunos com necessidades especiais que eu tenho de metodologia é o que eu pesquiso na internet e mais nas experiências na prática [...]. Ao longo dos dias, em algumas aulas eu uso esses objetos, prendedores coloridos para prender o papel da partitura na estante. Se eu deixasse à vista dele era motivo de distração. Teve uma aula que ele ficou com um desses prendedores a aula toda deitado e não fez nada, ele estava no momento dele, no mundo dele e a gente não pode fazer nada. Então a gente tenta chamar atenção e tem algumas técnicas que eu pesquisei na internet e que funcionam bastante para chamar atenção do aluno com baqueta, instrumentos que fazem sons como o de abelha e aí a atenção dele volta para ti e ele vai querer te escutar, mas isso nos casos mais difíceis, como o dele, que quase não falava e depois de três meses ele já me dava bom dia, falava algumas frases de vez em quando. [Sic] (PROFESSOR ENTREVISTADO 14/05/2022).

As atitudes do professor corroboram com os achados de Heckler e Baumer (2021), quanto à importância da observação atenta do professor para as atitudes do estudante e as reações apresentadas por ele durante suas aulas de música, quando o referido entrevistado precisou de recursos diversos com cores, bem como ter *insights* para perceber a hora de utilizar e a hora de retirar os recursos para ter a atenção do estudante.

Outras experiências citadas pelo professor revelam necessidade de preparação do docente para atendimento das necessidades, ou seja, entender as especificidades do transtorno para melhor atender o estudante. Informou que entendeu esses aspectos somente durante a sua prática:



Eu tive mais dois alunos, que já eram maiores de 7 anos, já falavam bastante, se expressavam, mas eles tinham dificuldade comportamental. [...]. Era bem difícil principalmente chamar atenção para eles se concentrarem. Eles ficavam um pouquinho, logo depois dispersavam [...]. Mas assim para conseguir a concentração dele, geralmente como se distraia muito, tipo assim: ele está aqui e você acha que ele não está prestando atenção, mas ele está. Isso eu demorei para perceber. Geralmente eu queria que ele me olhasse, mas não olhava e quando fazia isso ficava muito frustrado. Aí depois que eu entendi que mesmo ele olhando para parede, fazendo outra coisa, se eu passasse um comando e esperasse um pouquinho ele ia fazer. Então isso para mim foi difícil no começo, de interpretar. [Sic] (PROFESSOR ENTREVISTADO 14/05/2022).

As atitudes iniciais do professor apontam para uma abordagem apontada por Pimentel (2012) *apud* SENRA; ALVARES; MATTOS (2017) na qual a inclusão também depende do grau de conhecimento do professor sobre as peculiaridades das deficiências, o que gera o “fenômeno da pseudo-inclusão”. Após busca para melhor conhecimento do transtorno e experiências, o professor relata que começou a perceber as potencialidades dos alunos e flexibilizou as adaptações curriculares, e os alunos com TEA começaram ser protagonistas no processo de aprendizado:

O garoto que está comigo agora, tem 6 anos e você quase não percebe que é autista e no caso dele é bem mais tranquilo, ele tem muita dificuldade com ritmos ainda, até por causa da concentração, aí ele se distrai no mundo dele, [...]. Agora ele já reconhece as sete notas: Dó, Re, Mi, Fá, Sol, Lá, Si. Ele não consegue ainda se concentrar para tocar apenas uma nota, por exemplo, vamos fazer uma atividade para tocar só o Dó, ele não consegue, aí quando a gente para e pede pra ele fazer só, aí ele faz. Quando a gente quer colocar no conjunto, ele não consegue. Eu estou trabalhando com ele devagar e a parte rítmica também, ele já está aqui há um mês e ele já melhorou bastante. [Sic] (PROFESSOR ENTREVISTADO 14/05/2022).

Este relato aponta para a necessidade de um contínuo exercício do docente de registrar suas ações e ser um pesquisador junto à docência. Sendo assim, poderá fornecer materiais e ter referências nas estratégias pedagógicas adequadas a aulas de música para pessoas com TEA, que ainda carecem de atenção, conforme destacam Pendeza e Dallabrida (2018).

Na opinião do professor de música entrevistado, as dificuldades para ministrar aulas para crianças com TEA perpassam pela capacitação de professores na formação:



No meu caso, bem específico, a dificuldade que eu encontro é, como não sou especialista, eu fico com dificuldade de planejar as atividades e a gente se frustra muito quando a gente imagina uma coisa pra que ele possa responder e aí eu preparo a aula e chegava e nada. E eu ficava muito frustrado. Ah eu não sei fazer! Como é que faz isso? Mas muita das vezes eles mesmos me ensinavam como eu podia trabalhar. Tipo esse meu primeiro aluno que quase não falava, tinha dia que ele chegava aqui e eu ficava olhando pra ele e pensava: o que é que eu vou fazer? Eu tenho que fazer alguma coisa e aí eu começava a perceber que ele se estimulava com algum instrumento naquele dia, naquela hora e isso que é bacana, dá experiência de você ser bem criativo também, porque na hora eu já imaginava alguma coisa com o que ele estava fazendo e planejava alguma atividade em cima daquele interesse dele. Então esse primeiro aluno me ensinou bastante. Ele conseguiu me mostrar várias atividades que eu podia fazer, que eu criei dando aula para ele. Que eu ficava aqui e ele ficava lá, na hora vinha uma ideia, tentava estimular com alguma coisa e criava uma atividade. Eu já passava para as outras crianças e era um sucesso. Eu aprendi muito mais com os alunos, principalmente quando trabalho sozinho com ele, porque eu planejo uma coisa, uma aula e tudo mais, vejo vídeo: Oh! Você tem que trabalhar assim. Algumas coisas funcionam bastante, principalmente a da atenção. Peguei essa técnica da baqueta aqui na internet e funciona muito, não só com eles, mas com todas as crianças. Mas aprendi bastante da aula. A dificuldade é essa, no meu caso que não tenho formação na área, é saber como planejar uma aula. [Sic] (PROFESSOR ENTREVISTADO 14/05/2022).

Quanto ao relato das dificuldades apresentadas pelo professor, Louro (2015) *apud* SENRA; ALVARES; MATTOS (2017) sugere que o profissional da área da música se dedique à formação complementar de conhecimentos de psicologia cognitiva, desenvolvimento motor e emocional e noções do funcionamento neurológico da patologia do aluno em questão.

No que tange às respostas ao aprendizado de música pelas crianças com TEA, o professor revela que não é um resultado imediato, mas consegue perceber após um período de aulas:

Bom, como eu percebo essa resposta é, geralmente na hora eu não consigo perceber ou na hora que estou passando a atividade que eles estão tendo esse aprendizado. Eu venho perceber algumas aulas depois. Como algumas atividades elas se repetem, eu preparo algumas atividades, tipo: com a criança a gente que trabalhar bastante, umas sete ou oito atividades por aula, aí vou mudando, quatro sempre ficam toda a aula e quatro vou mudando. A cada aula vai repetindo e trocando a ordem, quatro atividades vão mudando e quatro permanecem fixas e é assim todas as aulas. Então eu percebo que eles estão aprendendo as vezes com os pais que falam: o meu filho está tendo uma melhora em tal sentido, tal área, ele está falando melhor, já está conseguindo se expressar ou aqui mesmo quando eu vejo que uma atividade que ele não conseguia fazer e mostra evolução. Tinha um



aluno que ele não fazia nada, mas tinha uma parte da canção, que eu passo canções para eles como atividade de percussão, e especificamente naquela hora, ele conseguia fazer como eu queria e o resto ele fazia do jeito dele. Aí eu via essa evolução, que ele estava conseguindo assimilar. A duração das aulas aqui é de cinquenta minutos. [Sic] (PROFESSOR ENTREVISTADO 14/05/2022).

O relato apresentado pelo professor corrobora com os dados de Silva e Silvia (2018) *apud* HECKLER; BAUMER (2021) sobre as experiências vividas no dia a dia com crianças com TEA, pois argumentam que a música pode transformá-las de alguma maneira, cada uma do seu jeito, respeitando seu grau de compreensão.

Considerações Finais

Ao investigar métodos e possibilidades para ensinar música para crianças com TEA, considerando a diversidade com que o transtorno se apresenta, notou-se a necessidade de um desenvolvimento pessoal voltado para essa problemática, para isso o (a) docente precisa constantemente buscar o aperfeiçoamento na realidade profissional independente de qual seja a área de conhecimento. Existe a necessidade de adaptação aos recursos técnicos utilizados para trabalhar na educação musical de crianças com TEA, os quais foram utilizados pelo docente entrevistado, como cores e sons, para chamar atenção do aluno. Ressalta-se que essa adaptação é um direito do estudante com TEA, garantido e amparado, conforme as leis e diretrizes da educação e inclusão.

Essa problemática não é específica da educação musical. Acontece também em áreas disciplinares diversas e distintas tornando importante analisar o que as pesquisas nos indicam para contribuir com o ensino musical inclusivo.

Portanto, registrar a prática do ensino de música para pessoas com TEA irá beneficiar esse público-alvo e poderá até mesmo proporcionar uma forma melhor de repassar o conhecimento musical, assim como, de vislumbrar outras formas de expressão artística, pois o discente com TEA necessita das ferramentas e da preparação do (a) docente.

Agradecemos o docente que de forma aberta e explícita compartilhou sua experiência, expressando certezas e incertezas e modos de busca de conhecimento como pesquisas na internet, relação professor aluno, entre outros. Este relato de experiência irá colaborar com o crescimento profissional de docentes em formação e estimular professores



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical



da área da música a oferecer ensino de qualidade a pessoas com TEA pela busca e compartilhamento constante de metodologias.

Na continuidade desta pesquisa, almeja-se extensão do ensino de música em a todas as faixas etárias de indivíduo com TEA, viés de extrema importância para formação de novos educadores musicais e criação de novos métodos, técnicas e materiais, cujos resultados poderão somar à educação inclusiva do país, propiciando um melhor desempenho de professores e alunos, em um cenário educacional com realidades diversas e distintas que exige qualidade e atenção a esse público-alvo, foco deste artigo.



Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, *Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL, *Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012*. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista. Presidência da República, Casa Civil. Acesso em: 20 out. 2014 BRASIL 2, Mensagem da Presidência da República N. 606 de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Msg/VEP-606.htm>. Acesso em: 20 out. 2014.

BRASIL, *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

HECKLER, Ana Paula Guglielmi; BAUMER, Édina Regina. Os benefícios da música na aprendizagem e no desenvolvimento de crianças com autismo no ambiente escolar. *Saberes Pedagógicos*, revista do curso de graduação de pedagogia – Unesc, Criciúma, v. 5, nº 2, p. 65-83, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/pedag/article/view/6810>. Acesso em: 15 maio 2022.

LOURO, Viviane. *Educação Musical e deficiências: propostas pedagógicas*. São José dos Campos. Ed. do autor, 2006.

NEUROSABER, DSM-5 e o diagnóstico no TEA. Instituto Neurosaber de Ensino, Londrina-Paraná. 2020. Disponível em: [DSM-5 e o diagnóstico no TEA - Instituto NeuroSaber](#). Acesso em: 15 maio 2022.

NEUROSABER, Fatores facilitadores e complicadores para o diagnóstico de autismo. Instituto Neurosaber de Ensino, Londrina-Paraná. 2021. Disponível em: [Fatores facilitadores e complicadores para o diagnóstico de autismo - Instituto NeuroSaber](#). Acesso em: 15 maio 2022.

NEUROSABER, Como é realizado o diagnóstico de TEA? Instituto Neurosaber de Ensino, Londrina-Paraná. 2021. Disponível em: [Como é realizado o diagnóstico de TEA? - Instituto NeuroSaber](#). Acesso em: 15 maio 2022.

PENDEZA, Daniele Pincolini; DALLABRIDA, Cadore. Relações entre educação musical e transtorno do espectro autista no cenário brasileiro. *Educação, Artes e Inclusão*, Santa Maria, vol 14, nº 3, p. 111-133, jul/set (2018). Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/11741>. Acesso em: 13 maio 2022.



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical



PROFESSOR DE MÚSICA. *Entrevista a Cristiane Suene da Luz Santos, Ewertton Da Silva Araújo, Lucas Augusto Araújo de Brito*. 14 maio 2022. [áudio] 00:22:45. Não publicada.

SENRA, Michele de Souza; ALVARES, Thelma Sydenstricker; MATTOS, Michele Morgane de Melo. Inclusão Escolar: Os desafios da educação musical no ensino de crianças com TEA. *Revista Interfaces*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 27, p. 87-96, jul-dez (2017). Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/interfaces/article/download/29478/16557>. Acesso em: 12 maio 2022.